



Leitura da Língua Materna: Uma Experiência Multiétnica dos Indígenas Da Comunidade Nações Indígenas.

Elisângela Guedes da SILVA¹
Heloisa Helena Correa da SILVA²

Resumo

O artigo parte de uma compreensão teórica sobre a relação entre os indígenas vivendo na cidade de Manaus e a continuidade de sua cultura, costumes e direitos, e como principal objetivo ampliar o conhecimento sobre a região amazônica a partir de um olhar à questão indígena. São apresentados dados sobre as comunidades indígenas urbanas que vivem em Manaus e a situação de suas línguas étnicas, quanto à presença de falantes, usos e ensino às novas gerações. A migração de outras regiões e das cidades do interior do Amazonas criando um crescimento populacional, ressaltando as particularidades dos fatores que influenciaram a migração para a cidade de Manaus, destacando a ausência de políticas públicas para os indígenas e de programas governamentais que valorizem os conhecimentos dos indígenas, seu direito a educação. A metodologia utilizada deu-se através da pesquisa etnográfica na Comunidade Nações Indígenas utilizando entrevistas com os moradores.

Palavras-chave

Indígenas Citadinos. Língua Materna. Comunidade Indígena

¹Mestranda do Curso de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia.

² Profa. Doutora Orientadora do PPGSCA



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



No território brasileiro, o Amazonas apresenta o maior quantitativo de indígenas vivendo no perímetro urbano. Deste modo, esse grupo étnico pode-se configurar como povo multilíngue por excelência, por apresentar cultura diversa, a maioria desses indígenas vivem com as famílias em locais dentro da cidade de Manaus, em nichos urbanos, criando pontos de concentração indígenas. Na região Amazônica, principalmente, no estado do Amazonas, abriga-se grande diversidade étnica e linguística, segundo informações da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, mais da metade da população indígena está localizada nas regiões Norte e Nordeste, especialmente na região da Amazônia legal. A partir do processo de migração dos indígenas das aldeias para a cidade de Manaus inúmeras culturas³ híbridas se formaram criando grupos.

Observa-se que no período da colonização, as populações indígenas eram predominantes em nossa região. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, estima-se que na época da chegada dos europeus no Brasil, em 1500, havia na Amazônia, cerca de cinco milhões e seiscentos mil (5.600.000) indígenas e mil e trezentas (1.300) línguas faladas por diferentes grupos, que na época ocupavam os atuais limites do território do Brasil.

Na época da chegada dos portugueses, estima-se que eram faladas 350 línguas. Hoje esse número não passa de 150, de acordo com os dados Conselho Indigenista Missionário- CIM. O que pode ser feito para que as línguas indígenas não sejam extintas? Para que essa cultura e história de inúmeros indígenas sobrevivam ao tempo, as pessoas precisam aprender, tanto as comunidades indígenas que perderam e querem aprender, quanto as comunidades que falam sua língua. Os adultos têm que repassar o valor de falar a língua indígena na comunidade.

³ Culturas Híbridas é um processo que ocorre com a mistura de diferentes culturas, que não se definem mais como rotulo de culto, popular e massivo convivendo em um mesmo cenário social.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Refletindo sobre essas questões, percebe-se que a imposição aos indígenas concernente ao uso da Língua Portuguesa foi um dos mecanismos utilizados para “desnaturalizar” seus costumes e língua. Conforme Almeida (1997), a introdução da língua portuguesa foi uma ordem, cujo intuito era brechar o avanço da língua geral, empregada no período da colonização pelos missionários e padres jesuítas, que vinham em missão com o objetivo de catequizar os indígenas, para que o domínio se tornasse mais fácil, sem grande resistência. Além disso, Almeida (1997), destaca que a imposição da língua, representou afirmação política sobre os conquistados. Na atualidade os indígenas citadinos lutam para recodificar seus laços culturais em suas comunidades, mesmo com todas as adversidades impostas ao longo dos anos. Corroborando este aspecto Pierre Bourdieu (1998), ao compreender os ajustes do poder simbólico como instrumento de dominação, reflete que o poder é consequência do produto coletivo e coletivamente apropriado aos novos códigos impostos às classes dominadas. Além disso, Bourdieu ressalta que os feitos ideológicos deste poder produzem a cultura como forma de dominação configura-se como cultura que une e separa que legitima as distinções.

Em relação à língua materna, identifica-se na atualidade que existam cerca de 150 línguas indígenas espalhadas pelo interior do território brasileiro de acordo com o censo do IBGE do ano de 2010. Todas as línguas, assim como as indígenas, são completas, ricas e complexas, possuem um vocabulário vasto e rico, fonética, fonológica, morfológica e sintaticamente. Deste modo, a afirmação de que a língua indígena é inferior à língua portuguesa ou a qualquer outra, é equivocada. Como afirma Levis Strauss...

[...]o modo de pensar dos índios é absolutamente idêntico ao nosso, podemos enfatizar uma universalidade do pensamento humano, não se pode hierarquizar povos, hierarquizar cultura, como se alguns fossem superiores a outras. Todas as culturas e suas características são fundamentais para identificar as formas de viver de cada povo, conhecer o lugar onde se constrói valores, e os mais diversos tipos de conhecimento. (LEVI STRAUSS, , 2008).



Tais conhecimentos, são recebidos de ancestrais e depois conduzem a missão do repasse desses conhecimentos aos seus descendentes e conseguem perpetuar a continuidade da cultura.

De acordo com a lei Nº 6.001, De 19 de Dezembro de 1973. Art. 1º, para efeito de regulação da situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional, o indígena independentemente de estar no lugar deixa de ser indígena, quando sai da aldeia, em qualquer lugar que ele esteja continua a ser indígena, e mesmo enfrentando inúmeras dificuldades encontradas nos grandes centros, ele buscar manter o que aprendeu com seus ancestrais. Em conformidade ao exposto é importante salientar que todas as culturas possuem características uma parcela de miscigenação, que precisam ser respeitadas reafirmando a diversidade cultural, pela necessidade da existência de povos diferentes, no mundo globalizado.

Esta reflexão a priori objetiva expor algumas considerações sobre a cidade Manaus e o processo de migração dos indígenas da aldeia e a partir desse cenário que será o pano de fundo para a compreensão da maneira como os indígenas estão repassando a cultura e língua materna para os descendentes indígenas nascidos na cidade, serão aspectos considerados neste estudo.

2. Os indígenas citadinos na grande Aldeia Manaus

Existe a necessidade de compreender sobre os direitos e deveres dos indígenas que moram no perímetro urbano, indígenas que entram na categoria das minorias grupais que vivem à mercê de situações sociais com a ausência de políticas públicas. Esses indígenas veem em sua maioria de outros locais, forçados a procurar outros espaços em busca de outro modo de vida. A esse respeito algumas hipóteses são levantadas a fim de elucidar esse processo de migração.



O indígena na cidade passa por inúmeras situações que ocasionam problemas diversos, dentre eles relacionados à dificuldade de viver na cidade, sua própria cultura. É necessário identificar e compreender os direitos e deveres dos indígenas que moram na cidade, pois já apercebem um grupo significativo na atualidade local.

Muitos indígenas buscam inserção e integração nas cidades por meio do emprego fixo e regular, apesar de representar uma questão comum aos demais migrantes, parece pouco esclarecedora aos povos indígenas presentes em Manaus, tendo em vista, a precariedade dos indivíduos que conseguem estabelecer-se no mercado de trabalho, ocasionando enveredo pela via de exclusão, pobreza, desintegração e, em muitos casos vivendo do assistencialismo estatal. Alguns indígenas conseguem fazer artesanatos indígenas vende-los em feiras, alguns locais reservados a cultura indígena, nesse sentido conseguem renda financeira, o que não chega a ser suficiente para o sustento da família.

É relevante destacar que há um notável fluxo de pessoas entre as respectivas terras indígenas na cidade de Manaus e no interior do Estado do Amazonas, por essa razão a circulação de parentes, como eles chamam-se, é constante. Seja para visitas, tratamento médico, compras, estudo, com períodos variados de permanência. E em alguns casos ficam em definitivo na cidade. É essencial analisar essa dinamicidade que ocorre no cerne desses grupos, o que possibilita refletir sobre aspectos políticos, territoriais, relacionais que permeiam o contexto indígena.

3. As Aldeias Urbanas: O Bilinguismo no asfalto

Algumas famílias indígenas se organizaram através dos movimentos indígenas e reivindicaram um lugar para morar, com o objetivo de permanecer juntos no mesmo ambiente, a fim de dar continuidade a sua cultura, crenças e modo de vida. Articular-se e



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



como afirma dados do IBGE⁴ de 2010, inúmeras famílias indígenas moravam em diversos bairros de Manaus, algumas delas moravam em áreas de risco ou em bairros periféricos. Em reuniões, as referidas famílias indígenas organizaram e decidiram que iriam morar em uma área não urbanizada no bairro Tarumã, zona Oeste de Manaus. Houveram conflitos, pois apareceram os “donos das terras”, essas disputas tomaram grandes proporções que envolveram representantes de órgãos públicos. (reportagem Jornal Amazonas em tempo 02 de abril de 2011).

Deste modo, destacar como as formas, as dinâmicas e a especificidade da identidade étnica devem ser esclarecidas a partir de um estudo mais aprofundado descobrindo-a como um fato social que é construído no âmbito da interação entre os mais diversos grupos, alcançando uma dimensão política que se relaciona com a cultura, e que é evidenciada no momento da emigração dos índios para a cidade, que leva a uma reflexão sobre os mecanismos do deslocamento e suas consequências tanto nas comunidades de origem, quanto na sua condição de relacionar com o contexto urbano. Apresenta-se como uma “reconformação” cultural que pode levar a mudança, a dissolução ou a afirmação da identidade étnica, mesmo no espaço urbano.

A mobilização dos povos indígenas com reivindicações de reconhecimento do direito a auto identificação das identidades étnicas são visíveis quando chegam à cidade trazendo toda a sua história sociocultural que se misturam com elementos socioculturais urbanos, sem perderem suas identidades étnicas, garantindo instrumentos políticos de afirmação dos seus direitos coletivos, por intermédio dos movimentos e organizações indígenas, que viabiliza e acentua as identidades étnicas, reforçadas com a capacidade de coesão do grupo no enfrentamento das dificuldades de preconceitos e diferenças no reconhecimento da sua identidade para a sobrevivência na cidade.

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

2.3. Apropriação da escrita e fala da língua materna indígena na cidade.

Com efeito, o homem é sempre, pelo menos em parte, refere-se a linguagem como fenômeno da complexidade, produto do meio. Portanto, para Strauss (2008) sendo essa a explicação do fundamento da linguagem como produto político social, a problemática para as Ciências humanas, é naturalmente uma questão de linguagem, como a mesma ajuda na formulação dialética do mundo cultural.

A linguagem para Strauss deve ser entendida no modelo complexo, incluído inclusive sistema não verbal, todo sistema de signo, hoje a relação evolutiva com diversos fatores interdisciplinares.

É importante entender as estruturas mais profundas da linguagem, o mundo ideológico que funciona na razão como determinação dos comportamentos culturais. (LEVIS STRAUSS, 2008)

Além de manifestações superficiais, busca compreender a complexidade da estrutura cerebral da pessoa, não apenas pelo mecanismo de compreensão do subconsciente, procura entender o modo de pensar de uma comunidade pelo caminho da aplicação do método fundamentado na etimologia entendida a procedimentos geológicos. Que em nível do senso comum, existem manifestações culturais nas mais diversas sociedades na perspectiva de um sistema construído, revelando a forma de agir, de vestir e de compreender o mundo, complexidades de manifestações. Estas estruturas estão na base de todas as manifestações culturais organizadas e sustentadas por uma família, sendo que qualquer cultura as tem, por mais distintas entre as outras culturas que sejam.

{...} história não está ligada ao homem, nem a qualquer objecto em particular. Consiste inteiramente no seu método; a experiência comprova que ele é indispensável para inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana ou não humana. Longe portanto de a pesquisa da inteligibilidade resultar na história como o seu



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



ponto de chegada, é a história que serve de ponto de partida para toda a busca de inteligibilidade. Assim como se diz de certas carreiras, a história leva a tudo, mas contanto que se saia dela. (CLAUDE LÉVI-STRAUSS, IN “LA PENSÉE SAUVAGE, 1962).

Contudo, no seio desses contextos, os mitos incorporam aquilo que são as circunstâncias históricas vividas por cada um, reformulam-se, renovando a sua estrutura sociocultural. Com base nestes estudos, associa a vida humana a duas linhas temporais, sendo uma a circunstancial e a outra aquela que é composta pelos padrões fundamentais dos mitos de cada comunidade. Porém, o seu trabalho procura esclarecer aquilo que estas têm no seu inconsciente coletivo, interessando-se pelo que são os aspetos formais dos mitos. Em contrapartida e para quebrar esses mitos podemos compreender que é preciso quebrar os paradigmas.

2.4. Quebrando os paradigmas (Colonialismo abissal)

Assim como em todo o mundo, a Amazônia precisa ser vista como ela realmente é, não pela Amazônia inventada pelo homem europeu colonizador que saqueou e saqueia até hoje as riquezas. Que impuseram como forte arma de dominação a língua falada para os nossos ancestrais indígenas. Assim a essa ação de sufocamento das demais epistemologias e suas culturas acarretou no que Boaventura chama de epistemicídio.

As Epistemologias do Sul surgem diante da visão que o mundo é variado e diversificado em relação às culturas e saberes, mas que no decorrer da história da modernidade sobrepôs uma forma de conhecimento pautada no modelo epistemológico da ciência moderna. As epistemologias do sul nos proporcionam um objetivo de um diálogo entre estes conhecimentos, procura ressaltar estes conhecimentos emudecidos, é a superação desse modelo epistêmico moderno ocidental que se classifica como um pensamento abissal, pois é um pensamento que através de linhas imaginárias divide o mundo em duas esferas (Norte e Sul) e o polemiza, porém os elementos (saberes) que não se encaixam nesse parâmetro da linha tornam-se inexistentes. Acredita-se que a forma de quebrar os paradigmas do pensamento abissal seja através da Epistemologias do Sul



que surge contra todo sistema que sustenta essa hierarquização epistêmica moderna, um sistema que se desenvolveu com a exclusão e o ocultamento de povos e culturas que ao longo da História foram dominados pelo capitalismo e pelo colonialismo. E, até os dias atuais destrói culturas, espaços e territórios em nome do “progresso” mascarando a dominação de um povo sobre outro. Este pensamento é excludente em sua hegemonia e acaba por suprimir outras versões epistemológicas. Observe o que Santos e Meneses afirmam.

A ecologia de saberes não concebe os conhecimentos em abstrato, mas antes como práticas de conhecimento que possibilitam ou impedem certas intervenções no mundo real. (SANTOS; MENESES, 2009, p 49).

Enfatizando a colocação de Meneses de construir uma nova forma de manter a conexão entre natureza e homem respeitando a essência de cada um, estaremos finalmente construindo a vida com igualdade de condições a todos.

2.5. As aldeias urbanas: os indígenas conquistando seu espaço no asfalto.

No fundo, um significado rumo à uma construção acadêmica de valor, que permanece como preponderante no entendimento daquilo que define uma comunidade e, estando a esta subjazem. Boaventura coloca como: ecologia de saberes sendo essa gama de multiplicidades de conhecimentos, que consiste na ideia que o conhecimento é interconhecimento, ou seja, visa aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios. Cada saber existe dentro de uma diversidade de saberes, e não se compreende um saber sozinho sem se referir aos outros. Saber este, a própria cultura.

Podem ser destacadas a organização de algumas famílias indígenas, que formaram o local que Parque das Nações Indígenas com referência à diversidade étnica de seus ocupantes. Que são em torno de 10 etnias de diferentes regiões do estado do



Amazonas e de Roraima. Há indígenas das etnias Cocama, Miranha, Mura, Pira-Tapuia, Macuxi, Baré, Tikuna, Munduruku e Sateré-Mawé. A Organização das moradias é de acordo com as etnias, as ruas do bairro foram divididas conforme a etnia e sua quantidade de integrantes. A exemplo disto, uma rua inteira é composta por indígenas da etnia Miranha. Outra, por índios Muras. E outras, divididas entre as etnias menos numerosas.

Neste assentamento eles renunciaram a algumas atividades e mantiveram outras. Não fazem roça, mas produzem artesanato, organizam festas, rituais e pajelanças, rezam, cantam, dançam, recebem seus parentes, transmitem sua literatura oral e, sobretudo, continuam falando a língua materna, no âmbito doméstico, enquanto usam o português (língua oficial do país) para se comunicar com as pessoas que não fazem parte de sua comunidade. Incentivam os descendentes indígenas a estudarem nas escolas regulares, buscando espaço nas universidades e por melhor qualificação profissional.

Sobre as condições de vida das famílias na comunidade verificou-se através de pesquisa de campo com entrevista, quanto ao aspecto cultural que as famílias apresentam predominantemente o arranjo nuclear, numa busca constante de preservar sua cultura e manter um modo de vida, na medida possível, similar à vida da reserva. Neste sentido há vínculos constantes com os parentes de reserva, o que se mostra essencial na manutenção da sua cultura.

3. Considerações finais

Após toda esta abordagem complexa, tanto no que se refere aos indígenas citadinos, bem como sua forma de dar continuidade a sua cultura, relação e contribuição para os descendentes Indígenas, faz-se necessário tecer algumas considerações:

A inserção dos agentes sociais (indígenas) tem sido objeto de várias discussões teóricas envolvendo agências governamentais e movimentos sociais, focalizando, sobretudo, uma multiplicidade de situações de conflito. Tais conflitos tanto abrangem questões relativas à ocupação de terras, continuidade da cultura através da língua materna,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



e ainda questões relacionadas a tentativa de negar a identidade indígena, tentando-se causar uma invisibilidade dos vários grupos étnicos nas cidades, dos direitos indígenas negados, da ausência de políticas públicas indígenas.

Cada cultura tem seu lugar dentro da sociedade e, em determinadas situações uma pode validar ou reforçar a outra. Este é o caso dos conhecimentos adquiridos que podem ser generalizados para serem utilizados em vários espaços sociais, sejam eles “iniciais” ou “contemporâneos”.

Ao ver-se entre os inúmeros conflitos, o indígena cidadão luta para não deixar sua cultura esquecida. Encontrando maneiras de resgatar os conhecimentos adquiridos das pessoas mais velhas, antigas (como eles se referem), do homem caboclo, do homem ribeirinho. Inúmeros conhecimentos que por anos foi a ciência realizada na aldeia, na comunidade curando doenças com ervas naturais, com o poder da floresta, dos rios. O homem amazônica usando sua força oriunda da floresta.

Acredita-se que essa força pode ser disposta a ganhar voz através das organizações que representam na sua essência as “minorias sociais”. Como as organizações não governamentais, associações cooperativistas. Esses grupos que a sociedade insiste em manter excluídos, em vista do sistema capitalista buscar sempre o lucro, o poder que controla a grande massa populacional, formada por índios, mulheres, pobres, negros.

Acredita-se que, esses grupos possuem a força de mudança, o *status quo*, de construir um pensamento novo capaz de fazer com que as pessoas sintam-se iguais, que possuem poder de voz, de atitude, de se fazer uma mundialização, construindo um mundo mais humano, preservando nossa Amazônia, nossas riquezas pertencente a grande biodiversidade, preservando a “ciência” sabedoria indígena.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Outro ponto que se precisa enfatizar, aos indígenas que vivem nas cidades que possam ser respeitados, seus direitos preservados, e a continuidade da cultura sejam propagadas por muitos, assumindo a identidade indígena em qualquer lugar que estejam.

Com base nisto, não se pretende nem de longe, esgotar esta discussão já que os campos de estudo sobre este grupo social que vivem na cidade e sua cultura, língua materna são fontes inesgotáveis de estudos e aprofundamentos.

Consideramos este, apenas uma iniciativa prévia, no sentido de contribuir para a discussão do problema. Acreditamos que muito ainda precisa ser enfrentado para se chegar a uma proposta que atenda às necessidades dos povos indígenas. O caminho a ser percorrido está apenas iniciando, sendo construído por várias mãos que lutam pela construção do pensamento do homem amazônico.



Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**; contribuições de A. Accardo et al. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Brasília: MEC, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.
- MINAYO, Maria Cecília S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 22^a ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- Ministério da Educação. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- PEREIRA, Raimundo Nonato da Silva. **A Aldeia Invisível – A (Des) territorialidade dos Índios Urbanos em Manaus**, Mímeo. Manaus: Acervo Bibliográfico do NEPS - Universidade do Amazonas. 1998.
- PEREIRA, Raimundo Nonato da Silva. **O Universo Social dos Indígenas no Espaço Urbano: Identidade Étnica na Cidade de Manaus**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.
- SILVA, Raimundo Nonato Pereira da. **O Universo Social Indígena no Espaço Urbano: identidade étnica na cidade de Manaus**. Dissertação; Porto Alegre-RS, janeiro de 2001.